

ADVOGADOS que desenharam IPO da EDP defendem aposta na água

“Renováveis têm uma limitação estrutural”

Gonçalo Venâncio
gvenancio@economicasgqs.com

Em Portugal, as renováveis crescem muito, mas de forma limitada. Tudo porque, “as energias renováveis em têm uma limitação estrutural: a capacidade de rede”, sublinham Nuno Galvão Teles, sócio da Moraes Leitão, Galvão Teles, Soares da Silva e Associados (MLGTS), e Rui de Oliveira Neves, associado principal da firma.

Ao contrário do que acontece noutros mercados, onde são atribuídas licenças para a construção de centrais mas o acesso da energia à rede não é garantido (Espanha, por exemplo), em Portugal, o crescimento tem por base a capacidade. Isto limita a concorrência, “porque a entrada de novos ‘players’ no mercado é condicionada pela capacidade de rede”, mas confere segurança ao mercado. “Isto dá ao investidor a capacidade de saber o que vai acontecer”, reforça Nuno Galvão Teles.

Com o petróleo a bater sucessivos recordes, aumentou a esperança numa solução ‘verde’ para os

Nuno Galvão Teles,
sócio
da MLGTS



Nuno Galvão Teles

■ É um dos especialistas da MLGTS na área de fusões e aquisições e mercado de capitais. Licenciado em Direito pela Clássica, Nuno Galvão Teles prosseguiu os estudos na Universidade de Londres, onde obteve um mestrado em Direito Comercial Internacional. Na sociedade desde 1987, Galvão Teles tornou-se sócio em 1995. Coordenou algumas das mais importantes operações financeiras do mercado português nos últimos anos, na área da energia, indústria cimenteira, pasta de papel e auto-estradas. Liderou a equipa de advogados que assessorou a EDP na compra da norte-americana Horizon.

problemas energéticos do planeta. Mas será que há uma ‘bolha’ especulativa no sector? “Em Portugal, não”. A resposta é dada em simultâneo. Um sinal de certeza sustentado num elemento estranho aos mercados nos dias que correm: previsibilidade. “Como o crescimento

“A limitação da rede dá ao investidor a capacidade de saber o que vai acontecer”, diz Nuno Galvão Teles.

é feito em função da rede, não há bolha”, explica Rui de Oliveira Neves. E, neste momento, qualquer investidor sabe que existem 2,500 megawatts (MW) instalados e que está em marcha a concessão de mais 200 MW. Errada é, portanto, a comparação frequente entre a pujança das renováveis e a explosão (e decadência) das tecnológi-

cas no início deste século. “São situações absolutamente distintas, semelhantes apenas na expectativa mundial que foi criada à sua volta”, constata Galvão Teles. Para o sócio da MLGTS, “o que hoje se está a passar no mundo faz com que se pense que as renováveis são um milagre para os problemas energéticos. Mas não são”, adverte. Isto, apesar de potências como os Estados Unidos, onde a EDP Renováveis está presente, estarem longe de esgotar a sua capacidade nas renováveis. “Podem duplicar ou triplicar a sua capacidade eólica”, diz Nuno Galvão Teles.

Em Portugal, o mercado caminha para a “maturidade” e as metas são ambiciosas: o objectivo é atingir os 45% de energia com base em recursos endógenos até 2020. Mas muito está ainda por fazer para diminuir a dependência energética nacional. “As renováveis são um recurso essencial para países como Portugal”, diz Oliveira Neves. “O nosso maior recurso endógeno é a água, e a capacidade hídrica em Portugal está aprovei-

Rui de Oliveira Neves,
advogado
da MLGTS



Rui de Oliveira Neves

■ Privatizações, ofertas públicas, valores mobiliários e fusões e aquisições são as áreas de actividade deste advogado que integrou a MLGTS em 1999. Hoje é um dos associados principais da firma. Licenciado em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa em 1999, Oliveira Neves é pós-graduado em Valores Mobiliários pela mesma universidade. É um dos advogados da MLGTS mais activos na área dos valores mobiliários e tem tido um papel importante em várias operações de fusão, aquisição e venda de empresas, representando clientes nacionais e internacionais.

tada a 40% quando tem um potencial de 75%” diz este advogado especialista em mercado de capitais, M&A e comercial. E se, com o Plano Nacional de Barragens – estão previstas 10 novas infra-estruturas – o Governo dá um sinal claro para ultrapassar o atraso hídrico dos anos 90, a aposta nas ondas pode ajudar, apesar da sua tecnologia estar ainda a dar os primeiros passos. Por exemplo: uma só torre eólica pode produzir tanta energia quanto um parque de ondas de dois quilómetros quadrados no mar, explica Rui de Oliveira Neves. Como solução para a energia eólica, o ‘off-shore’ não deve ser descartado: “É uma solução muito interessante.

Pioneiro na energia eólica e fotovoltaica, o mercado energético em Portugal é, na opinião de Nuno Galvão Teles, um dos “mais sofisticados do mundo”. Duas razões contribuem para o sucesso: “Do ponto de vista político, Portugal antecipou a moda das renováveis. Mas para os bons resultados do país contribuiu a estratégia dos agentes portugueses. Foram corajosos e sofisticados.” ■